

26-05-2023

Desafios da feminização da velhice

Priscila Pazos

[Fisioterapeuta. Doutoranda da Ensp/Fiocruz]

No mês de maio é comemorado o Dia das Mães e essa data também pode servir para reflexões sobre o universo feminino. Independentemente dos papéis sociais escolhidos pelas mulheres, esse é mais um momento em que se deve pensar na igualdade de oportunidades de trabalho e direitos, no basta aos preconceitos e ao feminicídio. Nesse contexto, uma questão é pensar no processo de envelhecimento feminino, ou seja, como as mulheres estão envelhecendo? Quantos de nós refletimos sobre a feminização da velhice e os seus desafios? Dentro da população brasileira, deparamo-nos com uma maior longevidade feminina. Segundo dados da **PNAD contínua** (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2021, o número de mulheres é superior ao de homens. Atualmente, a população brasileira com 60 anos ou mais é composta por 31,5 milhões de pessoas, sendo que as brasileiras idosas representam 17,6 milhões. Em média as mulheres vivem mais do que os homens, sendo este um fator que caracteriza a feminização da velhice. Embora possa indicar um ganho feminino, é preciso entender a complexidade das velhices, lembrando que uma maior longevidade não é sinônimo de viver com mais qualidade de vida e saúde. A feminização da velhice aponta para desafios, tais como: invisibilidade da mulher; sobrecarga do cuidado, o que impacta na questão física e emocional; rendas menores às dos homens, influenciando o risco de pobreza; maior vulnerabilidade à violência doméstica e abusos financeiros; preconceito relacionado à idade em todas as esferas, o que inclui o mercado de trabalho. Já que o futuro da população é feminino, a velhice da mulher é assunto para todos nós! Sabemos que o protagonismo das mulheres brasileiras vem sendo construído ao longo de muitos anos por meio de lutas e resistências (Cepellos, 2021; Maximiano-Barreto et al., 2019).

Falar de mulheres requer um olhar para a história sociocultural que atravessa suas vidas e seus corpos. Então, vamos nos inspirar com a história de Maria das Graças, mulher idosa de 65 anos. Vinda de uma família de mulheres que cunhavam sua tradição no trabalho doméstico, lembra-se das histórias de sua mãe Regina e seu grande feito de conseguir um emprego na “Fábrica de fósforos Marca Olho”.

O emprego conquistado foi abandonado assim que se casou, já que o marido não a deixava trabalhar. Assim como a sua mãe, suas tias passaram pela mesma situação. das Graças e sua irmã Maria de Fátima foram as primeiras mulheres da família a entrarem na Universidade. Contudo, das Graças teve que iniciar no mercado de trabalho aos 17 anos para ajudar nas contas da família. Terminou sua graduação em Serviço Social em 1981 e, em seguida, passou a atuar como Assistente Social na Prefeitura de Macaé. Trabalhou também por 5 anos na Associação Pestalozzi, completando 44 anos de história como assistente social. Ela continua o relato de sua trajetória:

tive uma clínica de 1987 a 2018 e em 1988 passei em um concurso para o Sindipetro (Sindicato dos Petroleiros do Norte Fluminense). Como sempre fui muito ativa e engajada em movimentos sociais, me encontrei no sindicato. Casei quando eu quis e isso aconteceu aos 35 anos. Eu era considerada “velha” para casar e ter filhos. Tive meus dois filhos, a Vitória e o Felipe. Eu não parei de estudar e sempre pensava em ter um salário que pudesse dar conta das despesas da família. Meus filhos não frearam meus sonhos. No sindicato, percebi um universo masculino. Vivi dentro desse ambiente o luto pelo falecimento da minha filha, onde eu buscava me ocupar com o trabalho cada vez mais.

Ah, também vivi a síndrome do ninho vazio, já que aos 18 anos meu filho se mudou para Niterói para fazer faculdade na UFF. Eu sempre tive que me reinventar e acho que estudar foi caminho para tal. Me considero muito dedicada à saúde do trabalhador, seja através dos cursos da CUT, na especialização que fiz em saúde do trabalhador no Cesteh ou na minha prática profissional. Desta forma, em 2020, decidi sistematizar a minha história profissional e conhecimentos adquiridos no sindicato. Afinal, são 25 anos de história! Por isso, iniciei meu mestrado aos 63 anos e o finalizei aos 65 anos. O trabalho me possibilitou conhecer o Brasil, a compreender a minha relação com o outro e a administrar conflitos em ambientes de trabalho predominantemente masculinos. O movimento sindical ainda é um lugar machista e, se deixar, a mulher continua na subalternidade. Ao longo dos anos, consegui sensibilizar junto com outras colegas os dirigentes sindicais para que os filhos pudessem participar das confraternizações. Foi um avanço!

No sentido da velhice, vejo um Brasil muito aquém da valorização da experiência e escuta do idoso. Considero que a velocidade (de informação) da internet é agravante para nós. Pensando na velhice feminina dentro desse contexto todo, vejo como algo terrível!!! Há uma cobrança estética pela juventude sejam mulheres brancas, negras, da Zona Sul, ou periféricas, todas são cobradas eternamente. Com relação ao cuidado com os mais velhos, eu e minha irmã dividíamos a tarefa de cuidar de minha mãe que faleceu aos 101 anos.

Por isso, uma grande preocupação para mim é quem será responsável pelos meus cuidados na velhice. Não quero dar trabalho para o meu filho. A esperança é de novos tempos de políticas públicas para as mulheres, maior igualdade de gênero, promoção da saúde e bem estar ao longo do processo de envelhecimento com atenção à velhice e uma política para o cuidado no Brasil.

Após essa história de vida e luta feminina que continua na velhice, termino esta reflexão com uma representante extraordinária de mulher idosa, a querida Cora Coralina que, com seus 76 anos, dizia:

“Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça. Faz de tua vida mesquinha um poema.

E viverás no coração dos jovens

e na memória das gerações que não de vir” (Aninha e suas pedras)

■ ■ ■

Referências:

- Cepellos VM. Feminização do envelhecimento: um fenômeno multifacetado muito além dos números. *Rev adm empres [Internet]*. 61(2):e20190861. 2021.
- Maximiano-Barreto MA et al. A Feminização da Velhice: uma Abordagem Biopsicossocial do Fenômeno. *Interfaces Científicas Humanas e Sociais*, v.8, n.2, p.239-52, ago./set./out. 2019.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.